

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Luciana Xavier Bastos Lacerda

E-mail: lubioagro@gmail.com

Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

Submetido: 09/08/2022

Aprovado: 04/09/2022

Publicado: 21/12/2022

doi: 10.20396/rho.v22i00.8670668

e-Location: e022059

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

BASTOS, L. X. L.; SANTOS, C. E. F. dos. Diversidade sexual, educação e luta contra as opressões: a organização do movimento LGBT em Vitória da Conquista. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-18, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8670668. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670668>. Acesso em: 21 dez. 2022.

Distribuído Sobre



Verificação Antiplágio



DIVERSIDADE SEXUAL, EDUCAÇÃO E LUTA CONTRA AS OPRESSÕES: A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO LGBT EM VITÓRIA DA CONQUISTA



Luciana Xavier Lacerda Bastos*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia



Cláudio Eduardo Félix dos Santos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

Este artigo discute a relação entre educação, diversidade sexual e luta contra as opressões em face da expressão singular do Movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero (LGBT) em Vitória da Conquista/Bahia. O texto apresenta resultados de uma pesquisa que buscou demonstrar o caráter político e educativo da organização das pessoas LGBT em relação à diversidade sexual e ao combate à discriminação social e jurídica. Para isso, analisamos a trajetória histórica do movimento nos finais dos anos 1990 aos anos 2000 tomando como abordagem empírica as Paradas do Orgulho e a organização de coletivos LGBT em Vitória da Conquista. As conclusões destacam a importância das discussões fomentadas e disseminadas pelo movimento no planejamento de suas atividades, as quais foram pontos de apoio no combate às opressões a essa população, assim como a contribuição dessas ações e discussões para a visibilidade das diversidades e singularidades humanas acerca das questões relacionadas a gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade. Educação. Formação humana. Movimento LGBT.

SEXUAL DIVERSITY, EDUCATION AND THE FIGHT AGAINST OPPRESSIONS: THE ORGANIZATION OF THE LGBT MOVEMENT IN VITÓRIA DA CONQUISTA**Abstract**

This article discusses the relationship between education, sexual diversity and the fight against oppressions from the singular expression of the LGBT Movement in Vitória da Conquista/Bahia. The text presents results from a research that sought to demonstrate the political and educational character of the organization of LGBT people in relation to sexual diversity and the fight against social and legal discrimination. For this, we analyze the historical trajectory of the movement from the late 1990s to the 2000s, taking as our empirical approach the Pride Parades and the organization of LGBT collectives in Vitória da Conquista. We conclude by highlighting the importance of the discussions fostered and disseminated by the movement in the planning of its activities, which were points of support in combating oppression to this population. We also highlight the contribution of these actions and discussions for the visibility of human diversities and singularities about issues related to gender and sexuality.

Keywords: Diversity. Education. Human formation. LGBT movement.

DIVERSIDAD SEXUAL, EDUCACIÓN Y LUCHA CONTRA LA OPRESIÓN: LA ORGANIZACIÓN DEL MOVIMIENTO LGBT EN VITÓRIA DA CONQUISTA**Resumen**

Este artículo discute la relación entre educación, diversidad sexual y lucha contra las opresiones a partir de la expresión singular del Movimiento LGBT en Vitória da Conquista/Bahia. El texto presenta los resultados de una investigación que pretendía demostrar el carácter político y educativo de la organización de las personas LGBT en relación con la diversidad sexual y la lucha contra la discriminación social y legal. Para ello, analizamos la trayectoria histórica del movimiento desde finales de la década de 1990 hasta la década de 2000, tomando como aproximación empírica los Desfiles del Orgullo y la organización de los colectivos LGBT en Vitória da Conquista. Concluimos destacando la importancia de los debates promovidos y difundidos por el movimiento en la planificación de sus actividades, que fueron puntos de apoyo en el combate a la opresión a esta población. También destacamos la contribución de estas acciones y debates para la visibilidad de las diversidades y singularidades humanas sobre cuestiones relacionadas con el género y la sexualidad.

Palabras clave: Diversidad. Educación. Formación humana. Movimiento LGBT.

INTRODUÇÃO

As reivindicações pelos direitos das pessoas LGBT¹ evidenciam as várias faces da opressão presentes nas sociedades contemporâneas e que se ampliam em meio às ondas de reacionarismo obscurantistas, como a que vivenciamos no Brasil e no mundo.

Nossa abordagem parte da totalidade concreta. Da concepção da relação entre o todo e as partes, o histórico e o lógico para analisar a diversidade sexual, as opressões e suas implicações sociopolíticas.

Ao analisarmos a especificidade do movimento LGBT em Vitória da Conquista focamos no caráter político, educativo e no combate à discriminação social. Para tanto, delineamos nossa exposição abordando a trajetória histórica do movimento no início dos anos 1990 ao ano de 2016, período em que houve avanços e atendimento de algumas reivindicações por parte do Estado (Prefeitura da cidade, governo do Estado da Bahia e Governo Federal).

Nossas fontes de investigação foram documentos públicos como atas de seções da câmara de vereadores, fotografias e reportagens em *sites* locais e relatos orais de lideranças do movimento LGBT em Vitória da Conquista.

As entrevistas contribuíram para a compreensão mais detalhada da realidade da luta do Movimento LGBT organizado no *lôcus* investigado, cujo pioneirismo se deu com a predominância de homens homossexuais cisgêneros² no processo de organização do movimento. A participação de mulheres lésbicas, dos bissexuais e das pessoas transgêneros ocorreu em um segundo momento e foi muito significativa, como exporemos ao longo do texto.

MOVIMENTO LGBT DE VITÓRIA DA CONQUISTA: DIÁLOGOS, TENSÕES E APROXIMAÇÕES

Vitória da Conquista, cidade distante 503 km² da capital do estado da Bahia, Salvador, encontra-se na região centro sul da Bahia.

Região de produção pecuária e agrícola com foco no café e de médios e pequenos produtores de várias culturas. A cidade é um polo comercial com oferta de serviços médicos e educacionais. No *site* da Prefeitura Municipal (2022) consta que Vitória da Conquista possui aproximadamente 343 mil habitantes. Ademais, seu setor industrial de produtos leves favorece a circulação de pessoas e produtos que se entrecruzam pela BR 116 (a Rodovia Rio-Bahia).

A organização do movimento LGBT em Vitória da Conquista é um fenômeno novo, comparado à emergência do Movimento Homossexual no Brasil. Este último emergiu no final dos anos 1970 nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Na década de 1980, com o advento da AIDS, as pessoas e as incipientes organizações LGBTs iniciaram um processo de aproximação do poder público para a prevenção da doença em âmbito nacional. À época, a incidência do HIV era mais evidente nos homossexuais, o que fez com que a AIDS fosse chamada, inicialmente, de “Câncer Gay”.

Para o professor Adão Albuquerque, um dos nossos entrevistados nessa pesquisa, a situação da população LGBT em Vitória da Conquista, nesse período, era a seguinte:

Nesse período (1960, 1970 e 1980) existiam poucas pessoas assumidas como homossexuais. Contava-se nos dedos das mãos quais foram essas figuras. Eram pessoas conhecidas e reconhecidas, com trabalhos ligados a salão de beleza, decoração, costura. Era um nicho, um padrão criado onde eram aceitos. (ALBUQUERQUE, 2021).

Em 1990, o movimento ramifica-se para o interior do país. As discussões em torno de questões da diversidade em várias esferas da sociedade — da universidade aos meios de comunicação social — aliada à organização do movimento LGBT e a uma crescente mudança comportamental acerca da sexualidade articulada à criação de nichos de mercado para esse público, motivou, paulatinamente, a abertura da discussão das pautas desse público.

Essa transição, ainda em curso, abriu possibilidades para o avanço das reivindicações LGBT e da discussão de uma pauta que “saia dos armários”, dos espaços privados e dos guetos para ganhar as ruas e meios de comunicação. Essa é uma característica presente na construção do movimento LGBT. Das conversas em pequenos grupos, em bares, festas e reuniões privadas para a construção de pautas e exigências de políticas públicas e legislação protetiva ao direito à diversidade.

Ao relatar acerca do início do movimento LGBT em Vitória da Conquista, Alexandre Damião de Jesus (2021), liderança do movimento na cidade, relembra:

Reuníamos na casa de um amigo no centro da cidade na Avenida Lauro de Freitas, em um apartamento. E tinha várias pessoas, vários “gays” reunidos, várias lésbicas e nesse processo de reunião acontecia brincadeiras, coisas da galera jovem da época que não tinham muito o que fazer em Conquista em 2003. Ou você ia para bar ou para apartamentos de amigos para namorar ou tomar uma cerveja. Um dia apareço vestido com um lençol, dizendo que meu nome era Morgana. Por causa dessa brincadeira com a personagem Morgana, isso foi virando uma reunião semanal: o que a Morgana vai fazer hoje? Algumas pessoas diferentes foram chegando e surgiu uma ideia de se fazer uma festinha chamada “Troféu Chimango”³. Foi um sucesso! Desse processo começou a amadurecer outro pensamento, pensamos assim: porque nós não fazemos a festa da Morgana? Uma festa maior cobrando ingresso. Daí que surge o embrião do coletivo “Morgana Mix”. Pensávamos fazer a festa e aproveitaríamos para transmitir mensagens relacionadas ao ativismo LGBT, que na época era o GLBT. Na época as pessoas relacionavam a

homossexualidade a Aids nós queríamos fugir disso e falar mais sobre de políticas públicas.

Esses encontros privados e a organização de festas públicas para “[...] transmitir mensagens relacionadas ao ativismo LGBT [...]”, como afirmou o entrevistado, Damiano de Jesus (2021), configura-se como uma tática de expressão e provocação para discussão das questões que envolvem essa população e para a luta por políticas públicas, bem como ao acolhimento das pessoas homossexuais. Em termos dos estudos no âmbito LGBT, podemos dizer se tratar do trânsito da “saída dos armários” e dos guetos às ruas.

Para Adams (2011, p. 21), “[...] uma pessoa para sair do armário, primeiro, precisa entrar.” Quando alguém vive em uma ordem heteronormativa, isto é, quando apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são considerados normais ou corretos, até que prove ou revele outra forma de existir, ela é vista como heterossexual. Então uma pessoa que ainda não se deu conta da sua atração ou identidade não pode sair do armário, por que não entrou. (LACERDA BASTOS, 2021). Sedgwick (2007, p. 21) afirma que “[...] o armário, ou o segredo aberto marcou a vida gay e lésbica no século XX e XIX.”

Miskolci (2019) observou que as pessoas não correspondentes aos anseios da cis-heteronormatividade são levadas a viverem vidas duplas. Na família, no trabalho e nas relações sociais, em geral, a sociedade os enxerga como heterossexuais. Contudo, na sua intimidade, vivem sua homoafetividade de forma clandestina, oculta. Os guetos, portanto, foram oportunidades para a construção de elos e redes de apoio que, com passar do tempo, fortalecem a determinação de muitas dessas pessoas assumirem sua sexualidade.

O convívio entre aqueles que lidavam com as mesmas dores, conflitos e estigmas por serem o que eram, conferia a percepção de acolhida, pertencimento, reconhecimento e alívio. Grupos se formavam, redes de apoio foram constituídas em uma modalidade alternativa de família.

Esse fato promove troca de experiências e produção/evocação de memórias silenciadas ou subterrâneas que encontram no gueto um espaço para sua vazão, inclusive enquanto organização política. Pollak (1989, p. 5) nos ajuda a refletir sobre essa questão ao afirmar que “[...] uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória.”

Na trajetória da construção do movimento, destacamos a participação das mulheres lésbicas e de sua reivindicação de um tom mais politizado nessas lutas. Mãe Rosa D'Oxum (2021), uma das fundadoras do Grupo Lésbico Safo⁴, criado no ano de 2009, destaca que

O primeiro grupo de LGBT em Conquista, politicamente organizado, foi o Safo. Sua criação relaciona-se com a I Conferência GLBT puxada pelo presidente Lula e nós como coordenadores da Conferência, criamos o Grupo Vitória da Conquista e esse grupo não foi à frente, porque alguns meninos queriam festa e nós mulheres lésbicas queríamos um grupo

político. Hoje temos estatuto, CNPJ. É o primeiro e único grupo (de Conquista e penso que do Brasil) formado por mulheres a fazer a Parada do Orgulho LGBT, porque em todos os lugares era a Parada Gay, em São Paulo e Salvador, por exemplo e não contemplava todos nós. Então quando fizemos a I Parada em Conquista, com a prefeitura junto com os movimentos sociais, chamamos todo mundo LGBTs para participar.

Essas divergências fazem parte da dinâmica da construção dos vários coletivos em meio a suas especificidades, o que amplia o campo de atuação e reivindicações.

Outra contribuição para o desenvolvimento do Movimento LGBT em Vitória da Conquista, diz respeito à presença da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A implantação de um *campus* universitário na cidade, nos anos 1980, favoreceu o encontro, a organização de ideias e a formação de grupos e coletivos.

Na UESB, muitas histórias de vida se inter cruzaram, como a do professor Adão Albuquerque, que se licenciou em Geografia nessa Universidade, no ano de 1991. Professor, ator e radialista, ele tem tido um papel significativo na luta contra a homofobia por meio da arte, da política, da educação e da comunicação. Paulo Pereira (2021), ex-aluno do Professor Adão relata:

Nós nos recordamos de uma geração passada. Muita gente que abriu caminho para nós termos essa coragem de se declarar gay e fazer uma festa declaradamente gay, porque eles sofreram esse preconceito muito mais pesado no início. É importante que se diga que a figura pública do professor Adão foi uma referência. Ele chegava em sala de aula, transformando nossas cabeças e abrindo horizontes e ele era o que era. E ele não se envergonhava e não escondia que ele era gay, que namorava outro homem, que amava outro homem, e isso tudo foi fortalecendo para que a gente começasse a existir como pessoa gay e isso foi interessante porque aí se deu toda a coragem para fazermos o que fizemos.

Outro nome de destaque nesse processo organizativo é o de Allan Kardec. Fundador do grupo Acrópole. Ele foi estudante universitário do curso de história da UESB, no ano de 2001. Exerceu a articulação do processo de ativismo pautado na reflexão crítica como ponte para o estabelecimento de uma organização coesa das pessoas LGBT.

Allan Kardec recorda que a criação do grupo Acrópole tem uma relação com as reflexões e incentivo do Professor Luís Mott, professor da UFBA e militante da causa LGBT.

No curso de história da UESB, tivemos um Seminário com Luís Mott, um dos maiores defensores da causa LGBT, talvez da América Latina. A palestra dele nem era sobre esse tema. Fomos escalados para levá-lo a almoçar e mostrar-lhe a cidade. Nesse contexto, pensei haver chegado a hora: estávamos no curso de história, haviam muitos gays, tinham amigos e amigas que conviviam e se reuniam, aí pensamos em convidar Luís Mott, não apenas para almoçar, mas também para fazer uma reunião. Luís Mott prontamente aceitou o convite, fizemos essa reunião menor. Ele nos orientou a formar um grupo pois Conquista era a terceira maior cidade da Bahia. Uma cidade reconhecida como universitária precisava de

organização LGBT. Ele nos deu uma aula, falou das dificuldades, um verdadeiro mini curso em uma noite brilhante. (KARDEC, 2021).

Inspirados por Mott, os jovens que participaram desse encontro criaram o Acrópole no ano 2001.

As festas e reuniões organizadas por grupos e coletivos oportunizavam a participação das pessoas LGBTs e a organização do debate e da ação política que contribuíam na formação de militantes da causa. Essa articulação desembocou na participação dessas pessoas em um dos marcos na história do Movimento LGBT de Vitória da Conquista que foi a I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – GLBT⁵ (2008). Os pesquisados compartilham memórias coletivas da sensação de ápice, de finalmente serem ouvidos, de terem a atenção de um presidente da república em um evento sobre essa população e com diretrizes para pensar em uma cidadania há tanto tempo negada. Ademais, foi deliberada nesta conferência a mudança no sistema de siglas, levando a letra “L” para frente, intentando conceder visibilidade lésbica e equiparar a sigla brasileira com a difundida internacionalmente.

A participação dos ativistas nas Conferências Territoriais, Estaduais e Nacional GLBT para representarem Vitória da Conquista contribuiu com a articulação do movimento com a prefeitura. Esse processo caracterizou os coletivos e grupos em formatos mais institucionalizados.

Outra conquista importante das lutas do movimento LGBT foi a inauguração do Núcleo de Direitos Humanos de Prevenção e Combate à Homofobia (NUDH) por iniciativa da Prefeitura de Vitória da Conquista, no ano de 2010. A cidade foi a primeira da Bahia a receber um órgão específico de combate à discriminação LGBT. (ANUNCIAÇÃO, 2010). Posteriormente, o NUDH tornou-se a Coordenação de Promoção de Direitos LGBT, uma referência pioneira no atendimento da agenda LGBT no Estado da Bahia.

No NUDH havia a oferta dos seguintes serviços: atendimento psicológico, assistência social e assessoria jurídica. Além do apoio à promoção da Parada do Orgulho LGBT. Destacamos que a preocupação em dialogar com a sociedade sobre a diversidade sexual pode ser exemplificada nos cursos destinados a segmentos como a Polícia Militar, professores e ações em prol da transversalidade política (fortalecimento, empoderamento e visibilidade).

Essas iniciativas no âmbito das organizações LGBT e do Estado impulsionaram a realização das paradas do Orgulho LGBT na cidade que passamos a discutir no próximo tópico.

AS PARADAS DO ORGULHO LGBT EM VITÓRIA DA CONQUISTA: UM INSTRUMENTO DE LUTA E EDUCAÇÃO POPULAR CONTRA A HOMOFOBIA

No arquivo do *site* institucional da Câmara Municipal consta o relato do coordenador do Movimento LGBT, José Mário Barbosa Santos, o qual ressalta que o município de Vitória da Conquista foi o primeiro do interior da Bahia a realizar a I Parada do Orgulho LGBT, no dia 17 de abril de 2010, cuja preocupação foi a diversidade e a inclusão de todas as minorias estigmatizadas.

O evento foi marcado por momentos de preparação, como uma seção na câmara de vereadores e um seminário intitulado *Respeito à Diversidade*.

O coordenador do Núcleo de Promoção da Igualdade Racial afirmou que o “[...] poder público municipal tem se preocupado com esses grupos. Esse é mais um passo dado pela promoção de políticas públicas voltadas para os grupos chamados minoritários.” (CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2010a). Da mesma forma, a coordenadora do Projeto da Visibilidade, Rosilene dos Santos Santana Sousa (Mãe Rosa D'Oxum) afirmou ser o “[...] objetivo maior dizer que independente de tudo, nós existimos.” (CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2010c).

Outro discurso importante nesse seminário foi o do ex-vereador de Vitória da Conquista, assumidamente homossexual e participante das lutas do movimento LGBT, o Professor Adão Albuquerque, que afirmou:

Há muito tempo que a comunidade LGBT vinha cobrando esse tipo de atividade. O único objetivo é dar visibilidade ao movimento, mostrar uma organização política de direitos humanos e demonstrar que as pessoas, sendo todas iguais, querem ter direitos garantidos. É a oportunidade de mostrar que Conquista é uma cidade amadurecida, tolerante e vai saber receber um evento como esse com muita dignidade e principalmente com muita alegria. (CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2010b).

Com muito esforço dos militantes, foram realizadas aproximações com os poderes executivo e legislativo municipais, bem como com outros movimentos de lutas sociais.

As sessões da Câmara Municipal permitiram o debate sobre a promoção de eventos formativos preparatórios à parada que envolvia diversos segmentos da sociedade. Essa metodologia foi importante para a discussão e construção das atividades de luta contra a homofobia na cidade. Em entrevista, Mãe Rosa D'Oxum (2021) afirmou:

Organizamos a I Parada. Nessa época já estávamos com o NUDH (núcleo de Direitos Humanos), que foi o primeiro a ser criado no Estado, antes de Salvador e Feira de Santana, já no governo Jaques Wagner (PT). O primeiro foi em Vitória da Conquista. Houve uma incitação de determinadas mídias locais, do tipo: Quem vai para a Parada Gay? Quem vai virar Gay? Mas, apesar de tudo foi um momento bom, porque existiam pessoas que tinham medo de se expressar e na parada conseguiram se libertar. A I Parada nós chamamos de Parada da Diversidade. Dela participou crianças, héteros, famílias diversas. Convidamos todos que se sentiam discriminados, povo de terreiro, quilombola, pessoas com

deficiência. Outra coisa nós não fazíamos só a parada, que já é um movimento sócio-político-cultural, fazíamos também capacitação. A primeira capacitação foi com a polícia militar, foram 19 participantes. A parada não é um só um evento é uma construção que envolveu vários segmentos sociais.

A afirmação de mãe Rosa evidencia a preocupação educativa da ação política da parada. A I Parada foi um evento pensado para integrar a diversidade em sua totalidade. O *blog Memórias e Histórias das homossexualidades* apresentou o depoimento de Daniela Novais (2010) em relação à realização da I Parada da diversidade em Vitória da Conquista:

Hoje, quatro anos depois de um primeiro evento declaradamente LGBT, tímido, amador e realizado num cantinho de rua, as cores do arco-íris tomam um espaço enorme, numa área super visível da cidade que geralmente é dedicado à micareta e outras festas e que no sábado chama muita gente. Puxa! É uma sensação de alegria intensa! Diria que é uma enorme quebra de tabu! Só quem conhece a cidade e seu cotidiano minimamente pode entender a real dimensão do que eu quero dizer. Vida longa à Acrópole, Grupo Safo, ao Morgana Mix e @s conquistenses que não militam em grupo, mas que sempre tiveram coragem de botar o bloco na rua. Parabéns principalmente às meninas do grupo Safo, que foram as que sonharam em primeiro lugar com esta Parada e não desistiram do sonho, mesmo quando tudo parecia tão impossível. Arrasaram, meninas! Ficam os parabéns, um imenso orgulho e a satisfação de saber que o movimento LGBT está finalmente acontecendo em Conquista. Vocês estão sendo um divisor de águas no movimento conquistense, viu? E viva a diversidade e o Orgulho de Ser LGBT. Como diz o slogan que usamos em alguns eventos promovidos pelo Coletivo Morgana Mix, de Vitória da Conquista: "Somos, logo existimos".

Neste trecho do depoimento é possível confirmar o valor da I Parada para a população LGBT. Pode-se notar a comemoração pela ocupação de espaços normalizados apenas para a expressão cis-heteropatriarcal. Destaca-se, ainda, a participação dos coletivos Acrópole, Morgana Mix e Safo. Esse último, fortemente marcado como impulsionador da politização do movimento e um dos principais organizadores do evento.

As Paradas do Orgulho LGBT em Vitória da Conquista foram momentos de ensinamento cuja transgressão, enquanto prática pedagógica, apresentava-se como lugar político de resistência. (HOOKS, 2017). A reflexão crítica suscitada no lúdico, na arte e na performance colaboraram com o processo de educação popular voltado para a diversidade.

Nos *blogs* de notícias locais, a divulgação do evento estimulava debates e comentários diversos nos *sites*. Algumas pessoas não aceitavam o evento, percebendo-o como algo desrespeitoso e indigno. Um internauta representando pelo *nickname* Ozzi Sampaio lamenta o acontecimento: "É uma pena, cidade tão conservadora, cedendo a tamanha perversão. Quero ver quem irá financiar essa parada." (VITÓRIA..., 2010). Contudo, outras pessoas demonstravam seu apoio como, por exemplo, Lucas que defendeu

o evento: “[...] não sou gay, mas viva a diversidade! Parabéns Vitória da Conquista, sem essa de conservadorismo.” (VITÓRIA..., 2010).

A segunda Parada do Orgulho LGBT aconteceu em 21 de maio de 2011. O tema desta edição foi: “É direito, é legal”. O objetivo era fomentar o debate na sociedade conquistense e região acerca da promoção da cidadania de direitos para a população LGBT.

A terceira parada ocorreu em 19 de maio de 2012. O grupo Lésbico Safo, em parceria com a Prefeitura, promoveu o evento que contou com apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e de empresários locais. Seu tema foi: “Conquista sem Homofobia” e objetivava ampliar a discussão contra discriminações e violências LGBTfóbicas. (III PARADA..., 2012).

A quarta Parada do Orgulho LGBT teve como tema “Família e Diversidade” e foi realizada em 12 de maio de 2013. (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2013a). A organização do evento contou com apoio do governo municipal, tendo participação no planejamento e execução do grupo Safo. No ensejo havia programação de palestras, rodas de conversa, seminário na seção conquistense da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e audiência pública na Câmara Municipal.

O tema dessa parada foi pensado como um prolongamento de um processo contínuo de reflexões que buscavam valorizar a importância de compreensão da Diversidade Sexual. O propósito era favorecer a construção de relacionamentos familiares entre as pessoas LGBT e seus familiares pela superação de tabus e preconceitos.

As questões propostas por essas paradas, em nosso entendimento, buscavam enfrentar os preconceitos projetados pela égide cis-heteropatriarcal. O convite às famílias para participarem das paradas eram uma vultosa iniciativa para discussão da situação e das reivindicações das pessoas LGBT e sua relação com seus círculos familiares.

Em 31 de agosto de 2014, realizou-se a quinta Parada do Orgulho LGBT tendo por tema: “Homofobia mata”. Nessa edição do evento, manteve-se o formato e o ponto de encontro, realizada pelo Grupo Safo, com o apoio da prefeitura e da UESB. Tal parada objetivou demonstrar uma preocupação em denunciar a violência vivida pela população LGBT.

A VI Parada do Orgulho LGBT ocorreu em 8 de novembro de 2015. Esse ano foi marcado por intensas mobilizações que antecederam o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff no ano seguinte. Dias de muitos conflitos e discussões ideológicas de todos os tipos que aconteciam na arena política e na sociedade. Os discursos e ações machistas, misóginas, LGBTfóbicas, negacionistas tomavam um forte fôlego em uma onda de reação negativa à agenda LGBT e feminista. Cordeiro e Menezes (2015) registraram no *blog Mas o quê?* uma matéria com seguinte título *O que ninguém falou sobre a parada conquistense*:

Essa sexta parada do Orgulho de ser LGBT contou com uma frente de honra representativa que discursou contra as propostas do Presidente da

Câmara dos Deputados: Eduardo Cunha, sobre a promoção dos direitos LGBT e das mulheres. A frente também fez discursos contra a homofobia. O trio elétrico fez um percurso de quase quatro horas percorrendo ruas e avenidas movimentadas na cidade. (CORDEIRO; MENEZES, 2015).

Importante destacar que no ano de 2016 não aconteceu a Parada do Orgulho LGBT em Vitória da Conquista. Esse ano foi marcado pelo *Impeachment* da Presidente Dilma e das eleições Municipais com uma forte afluência de discursos “antissistema”, negação da política e ódio à esquerda, que se expressava de forma mais patente no antipetismo⁶.

Toitio (2019) pondera que a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 rompeu, de forma determinante, a relação do movimento LGBT com o Poder Executivo. Uma relação iniciada de maneira sutil no Governo Fernando Henrique Cardoso, tendo seu auge no Governo Luís Inácio da Silva e enfraquecido devido às disputas ideológicas e partidárias na arena política e social durante o Governo de Dilma Rousseff. Esse fato marcou o distanciamento da pauta LGBT devido à reatividade conservadora organizada no Congresso Nacional pela Bancada Evangélica e outros. (TOITIO, 2019, p. 33).

Diante dos relatos sobre a trajetória das Paradas do Orgulho LGBT, podemos nos perguntar sobre quais seus desdobramentos para o enfrentamento ao grave problema da LGBTfobia? Que contradições, obstáculos e avanços se apresentaram nesse percurso por visibilidade para as pessoas LGBT?

SOBRE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E LUTA CONTRA A HOMOFOBIA EM FACE DA EXPERIÊNCIA ORGANIZATIVA DAS PARADAS DO ORGULHO LGBT EM VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

Em primeiro lugar, a diversidade diz respeito às singularidades e particularidades de pessoas e de agrupamentos sociais caracterizando formas específicas do ser no mundo. Todavia, o singular não pode ser entendido apartado da relação com o universal. Portanto, entendemos não ser adequado analisar essa questão diante da perspectiva da celebração das diferenças, em prejuízo das questões da igualdade e da totalidade.

Concordamos com Della Fonte (2011, p. 3) ao afirmar:

Diversidade/pluralidade/diferença e unidade/identidade/universalidade são temas concorrentes e, ao mesmo tempo, inseparáveis. As tentativas de se enaltecer um em detrimento do outro descambam em extremos não produtivos. A unidade absoluta descarta o movimento, a transformação, a diversidade, os seres singulares e faz do mundo algo homogêneo e uniforme, idêntico a si. Por sua vez, a multiplicidade infinita nos leva a um cenário de fragmentos, átomos, seres que se bastam a si, sem estabelecer nenhum laço com outros.

A luta contra as opressões e a abordagem sobre diversidade sexual podem ser compreendidas por mecanismos que entrelaçam aspectos da relação “diversidade/pluralidade/diferença”. E, por sua vez, da articulação entre “unidade/identidade/universalidade”.

Compreender o preconceito, a violência, a discriminação contra as pessoas LGBT se dá pelo esforço de analisar a totalidade das questões sem restringi-las à questão de identidade.

No caso específico aqui analisado, podemos dizer que a realização das Paradas do Orgulho em Vitória da Conquista contribuiu com o movimento nos aspectos da organização por reivindicações concretas, visibilidade das lutas e afirmação. Consequentemente, esses fatores colaboraram para a organização politizada desta comunidade.

Tais acontecimentos reverberaram no âmbito do governo municipal que absorvia algumas demandas da população LGBT. Todavia, identificamos alguns pontos de atenção que carecem de maiores reflexões.

Um elemento relevante diz respeito às primeiras décadas dos anos 2000, quando as gestões do governo municipal, Estadual e Federal estavam sob a gestão do PT e aliados⁷.

Segundo os relatos dos entrevistados, este período foi um momento fértil na conquista de direitos. Houve espaço para discussão, diálogo, avanço e construção de políticas públicas voltadas para a diversidade sexual, muito embora ainda existissem empecilhos e contradições. Houve a abertura ao diálogo e ao desenvolvimento de políticas públicas.

Muitas ações foram desenvolvidas pelo governo municipal de Vitória da Conquista (1997-2016) e pelo Governo Federal (2003-2016) que se reivindicavam democráticos e populares. Esse foi um processo de organização coletiva e de aproximação com governos, o que favoreceu a luta pela promoção da cidadania dessa população.

A descentralização do Movimento LGBT do circuito Rio-São Paulo e a visibilidade atingida devido à expansão do mercado consumidor destinado a essas pessoas, somadas à presença na mídia e às manifestações massivas, por exemplo, as Paradas do Orgulho LGBT, contribuíram para ampliar e qualificar a discussão sobre diversidade sexual. Além disso, a visibilidade das pessoas LGBTs na vida pública e cotidiana favoreceu a organização política por reconhecimento de direitos civis, igualdade e liberdade e colaborou para que o povo conquistasse ponderasse sobre práticas discriminatórias e preconceituosas.

Como já mencionado, o desdobramento da I Conferência Nacional GLBT culminou na implementação do Núcleo de Direitos Humanos, Prevenção e Combate à Homofobia (2009). Ademais, outras conquistas se materializaram, por exemplo: O Decreto municipal n.º 14.273/2012 que institui o uso do nome social às pessoas travestis e transexuais nos órgãos da Administração Pública Municipal Direta, Indireta, Autarquias, Fundações, nas

Instituições Públicas Municipais de Ensino da Cidade de Vitória da Conquista. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2012).

Além disso, outros avanços foram conquistados, como o primeiro casamento civil homoafetivo do interior da Bahia. (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2013b). Também, a cela especial para LGBT no Conjunto Penal em Vitória da Conquista, contemplando a Resolução Conjunta do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNCD)/LGBT, de 15 de abril de 2014. (BRASIL, 2014). Ainda, a criação da Coordenação de Promoção da Cidadania de Direitos LGBT mediante Lei Complementar nº 1.986/2014 que alterou a estrutura administrativa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2014).

Todavia, o movimento LGBT organizado enfrentou embates, contradições e conflitos, especialmente com o poder legislativo municipal. Alguns eleitos defendiam o cis-heteropatriarcado em função da moralização política. Em razão de acreditarem que não podiam trair a sua base eleitoral apoiada por um *holding* conservador com presença midiática e econômica.

O diálogo estabelecido entre gestores do governo municipal com o movimento foi outra dificuldade enfrentada devido às disputas partidárias e ideológicas. Todavia, a disponibilidade ensejada pela conjuntura política da época cooperou para a superação deste obstáculo, beneficiando a materialização da relação entre o movimento LGBT e o governo municipal.

Com o golpe parlamentar, jurídico e midiático contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e a simultânea derrota da Frente Conquista Popular nas eleições municipais do mesmo ano, podemos inferir que a mudança de conjuntura dificultou a realização da Parada do Orgulho em 2016. Ela aconteceu apenas em 19 de novembro de 2017, na gestão de Herzem Gusmão (MDB), que derrotou a Frente Conquista Popular (PT, PSB, PCdoB) nas eleições de 2016.

A realização da VII Parada do Orgulho LGBT, com o tema “A luta contra a LGBTfobia é sim, a luta pela vida”, aconteceu no dia 19 de novembro de 2017, na gestão da prefeitura da cidade por Herzem Gusmão (MDB). O ato teve a concentração em local diferente das edições anteriores, na Praça Nossa Senhora dos Verdes na Zona Oeste da Cidade, região periférica da cidade.

Aqui podemos analisar essa questão mediante a relação opressão e segregação espacial. Segundo o *site* institucional da prefeitura, “[...] a escolha da praça atende a uma reivindicação dos movimentos sociais para que o evento ocorresse na zona oeste da cidade.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2017). Desse modo, a realização da parada nesse bairro afastaria o acontecimento das regiões consolidadas como “nobres” (Zona Leste da cidade) onde ocorriam as festas tradicionais, tais como as micaretas⁸. O evento continuou antecedido por momentos formativos com seminários. A

partir de 2017 não encontramos registro envolvendo parceria entre o grupo Safo e a prefeitura.

As paradas do Orgulho em Vitória da Conquista indicam um significativo instrumento de luta e educação popular contra a homofobia. Diante da experiência organizativa desses eventos, observou-se a ampliação do debate e do caráter educativo da luta social e política das várias organizações LGBT na cidade e região. As Paradas do Orgulho, as discussões preparatórias configuram fenômenos amplos e complexos que contribuem para a construção de visões de mundo que compreendam as individualidades humanas diversas em um mundo repleto de contradições mediados por relações de exploração, dominação e opressão que precisam ser superadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do Movimento LGBT tem oportunizado, em maior ou menor medida, processos formativos no que diz respeito às discussões acerca da diversidade sexual e na luta contra a homofobia. A organização política contribuiu com o enfrentamento das formas opressivas e violentas em relação ao público LGBT e com a implantação de políticas públicas de atendimento a essa população.

Durante os anos de 1996 a 2016, consideramos que houve, de fato e de direito, avanços e conquistas em meio ao preconceito e discriminação tão comuns na sociedade machista e patriarcal brasileira. As políticas públicas implantadas pelos governos petistas na cidade de Vitória da Conquista, bem como em âmbito Estadual e Nacional, a partir de 2003, oportunizaram alguns passos, ainda que modestos, na garantia de direitos. Todavia, não foram poucas as críticas e contraofensivas reacionárias por parte de setores conservadores da sociedade.

Um dos aspectos que destacamos em nosso texto foram as Paradas do Orgulho LGBT em Vitória da Conquista/Ba, as quais têm sido instrumentos significativos para a celebração da diversidade. Também, a denúncia da gravidade da intolerância, da violência e da opressão sofrida por essas pessoas.

Para Buttermann (2012), as paradas do orgulho LGBT se apresentaram com características proporcionais as de um carnaval. Fazendo uma analogia com o sudoeste baiano, o momento assemelhava-se ao espírito das micaretas. Inclusive, ao reproduzir a trajetória do percurso de ambas, como recordado pelo depoimento de Novais (2010).

Entendemos que cada passo dado contribuiu na construção dos caminhos que vão sendo trilhados no esforço por relações humanas tolerantes e abertas ao outro. Mesmo em meio a momentos tão difíceis de uma sociabilidade do capitalismo em crise, o qual, no Brasil tem um marco recente: o Golpe parlamentar e jurídico de 2016. Este evento desdobrou-se no *Impeachment* da Presidenta Dilma e fez recuar políticas públicas e espaços de diálogos sobre os direitos e afetividades humanas. Em nome dos chamados valores da família

tradicional, da moral, dos bons costumes, expressões que justificaram, inclusive, a necessidade de um golpe militar no ano de 1964.

Esse retrocesso teve sua expressão máxima com a eleição do presidente Jair Bolsonaro no ano de 2018. Ensejando o alojamento de alas de militares, como também, setores reacionários cristãos e milicianos. Estes grupos que defendem interesses imperialistas são representados no e pelo mercado financeiro, agronegócio e indústria armamentista. Desta forma, acabam promovendo um efetivo silenciamento e impondo obstáculos à abertura de diálogos possíveis.

Na conclusão desse texto uma mudança na conjuntura nacional ocorreu. A vitória nas eleições presidenciais de Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, no dia 29 de outubro de 2022, o que demarcou uma interrupção do avanço da extrema-direita no âmbito do Governo Federal. Esse resultado expressou a vontade da maioria do povo brasileiro ao enfrentamento da política de destruição de direitos sociais, trabalhistas, da soberania nacional, também, do tratamento truculento e reacionário das populações oprimidas, como a comunidade LGBT. As expectativas de mudanças e retomada da luta contra a homofobia com o apoio governamental e a conquista de direitos são grandes. Uma questão é saber como os movimentos LGBT atuarão nesse processo e como o novo governo tratará dessas demandas.

Entendemos que as lutas sociais e as especificidades dos movimentos LGBT seguem em marcha no esforço por contribuir na construção de relações sociais e humanas respeitadas e não opressoras em nosso país. Vitória da Conquista tem um legado importante nesse campo, tanto na esfera das organizações de luta por direitos, quanto na esfera governamental e parlamentar na cidade. Os desdobramentos desse novo momento histórico estão por ser construídos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. E. **Narrating the closet**: an autoethnography of same-sex attraction. New York / United States: of America. Publishing company: Routledge, 2011.

ALBUQUERQUE, A. História e memória do movimento LGBT em Vitória da Conquista, BA. [Entrevista concedida à] Luciana Xavier. Vitória da Conquista, 12 fev. 2021. Videoconferência.

ANUNCIAÇÃO, C. Conquista ganha órgão de combate à homofobia. **Jornal A Tarde**. Sucursal Vitória da Conquista Notícias, Bahia, 2010. Disponível em: <https://bityli.com/1WDZR>. Acesso em: 16 dez. 2020.

BRASIL. **Resolução Conjunta do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNCD) / LGBT**, 15 abr. 2014. Disponível em: <https://bityli.com/UyicS>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BUTTERMAN, S. **Invisibilidade vigilante**. São Paulo: Inversos, 2012.

CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Coordenador do movimento LGBT fala sobre primeira parada gay em vitória da conquista**. Site institucional. 2010a. Disponível em: <https://bityli.com/8KL1z>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Presidente da Câmara participa de seminário “Respeito à diversidade”**. Site institucional. 2010b. Disponível em: <https://bityli.com/cjFn3>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Vereadores participam de reunião sobre planejamento da Parada da Diversidade**. Site institucional. 2010c. Disponível em: <https://bityli.com/W2Fbs>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – GLBT, 1., 2008, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

CORDEIRO, C.; MENEZES, B. O que ninguém falou sobre a parada conquistense. **Mas, o quê?** 2015. Disponível em: <https://bityli.com/YuU73>. Acesso em: 04 mar. 2021.

DELLA FONTE, S. **Os desafios da diferença e da diversidade na educação escolar**. Texto elaborado para o momento inicial do curso de formação continuada para gestores públicos de educação especial do Estado do Espírito Santo. Texto não publicado, 2011

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

III PARADA do orgulho de ser LGBT em debate. **Blog do Anderson**, 2012. Disponível em: <https://bityli.com/9Kb8L>. Acesso em: 18 ago. 2022.

JESUS, A. D. de (Xande). História e memória do movimento LGBT em Vitória da Conquista, BA. [Entrevista concedida à] Luciana Xavier. Vitória da Conquista 18 fev. 2021. Videoconferência.

KARDEC, A. História e memória do movimento LGBT em Vitória da Conquista, BA. [Entrevista concedida à] Luciana Xavier. Vitória da Conquista. 19 fev. 2021. Videoconferência.

LACERDA BASTOS, L. X. **Empunhando a bandeira colorida: Memórias do movimento LGBT em Vitória da Conquista (2001-2016)**. 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021. Disponível em: <https://bityli.com/nhEIh>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MÃE ROSA D'OXUM (Rosilene dos Santos Santana Sousa). História e Memória do Movimento LGBT em Vitória da Conquista/Ba. [Entrevista concedida à] Luciana Xavier. Vitória da Conquista 04 fev. 2021. Presencialmente.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NOVAIS, D. Vitória dxs LGBTs de Vitória da Conquista. **Memórias e histórias das homossexualidades**. 2010. Disponível em: <https://bityli.com/mk3Wi>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PEREIRA, P. (Paulinho). História e memória do movimento LGBT em Vitória da Conquista, BA. [Entrevista concedida à] Luciana Xavier. Vitória da Conquista. 18 fev. 2021. Videoconferência.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bityli.com/1ktoT>. Acesso em: 05 fev. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. Conheça nosso município. Site institucional. 2022. Disponível em: <https://bityli.com/usVMn>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Parada do acontece no dia 19**. Site institucional. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/usVMn>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Vitória da Conquista realiza a 4ª Parada do Orgulho de ser LGBT**. Site institucional. 2013a. Disponível em: <https://bityli.com/MN14Q>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Vitória da Conquista realiza primeiro casamento homoafetivo do interior da Bahia**. Site institucional. 2013b. Disponível em: <https://bityli.com/YfZPq>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Rio de Janeiro. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://bityli.com/bROfk>. Acesso em: 10 out. 2019.

TOITIO, R. D. A luta pela diversidade sexual e de gênero diante do Estado capitalista: o que a atual crise política tem a nos ensinar. **Margem Esquerda Revista da Boitempo**, São Paulo, n. 33, p. 32-37, 2019.

VITÓRIA da Conquista se prepara para a sua 1ª parada Gay. **Blog do Anderson**, 2010. Disponível em: <https://bityli.com/ZJnjD>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VITÓRIA DA CONQUISTA. **Decreto municipal n.º 14.273, de 14 de fevereiro de 2012**. 2012. Disponível em: <https://bityli.com/iDY4x>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei Complementar nº 1.986, de 30 de maio de 2014. **Diário Oficial**, 2014. Disponível em: <https://bityli.com/CGAaE>. Acesso em: 15 ago. 2022.



AUTORIA:

* Graduação em Biologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências. Mestranda no Programa de Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: lubioagro@gmail.com

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: cefsantos8@gmail.com

COMO CITAR ABNT:

BASTOS, L. X. L.; SANTOS, C. E. F. dos. Diversidade sexual, educação e luta contra as opressões: a organização do movimento LGBT em Vitória da Conquista. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-18, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8670668. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670668>. Acesso em: 21 dez. 2022.

Notas

- ¹ O sistema de siglas mais completo adotado pelo movimento na contemporaneidade é LGBTTTQIAP+: Lésbica, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan e Polissexuais, tendo ainda o sinal “+” indicando a inclusão de outros não mencionados. Contudo, em nosso trabalho, utilizaremos o sistema de siglas LGBT, por estar em mais evidência no Brasil.
- ² O termo cisgênero e transgênero são usados para caracterizar identidades de gênero. Desta forma, uma pessoa cisgênera é aquela que identifica a sua identidade com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento.
- ³ Chimango é um biscoito tradicional na região, assim como o “avoador”, ambos feitos à base de fécula de mandioca.
- ⁴ O Grupo Lésbico Safo foi inspirado na poetisa grega Safo da ilha de Lesbos.
- ⁵ GLBT era a sigla utilizada a época da primeira conferência.
- ⁶ No ano de 2017 aconteceu a sétima parada do Orgulho LGBT no governo de Herzem Gusmão Do (PMDB). Elas vêm sendo desenvolvidas, mas com pouca participação dos movimentos organizados.
- ⁷ No âmbito federal governava Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011); Dilma Rousseff (2011-2016); no plano estadual os governos de Jacques Wagner (PT) e no municipal os governos de Guilherme Menezes (1997-2002 e 2009-2017) e do prefeito José Raimundo Fontes (2002-2009) ambos do PT.
- ⁸ Mais informações sobre essa segregação, sugerimos: SANTOS, A. de J. Memória, ideologia e lutas de classes em Vitória da Conquista: a segregação socioespacial como manifestação das contradições sociais. 2014. 203 f. Dissertação. (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. Disponível em: <https://bityli.com/hSwqI>. Acesso em: 30 jun. 2020.